

PANDEMIA E TERRITÓRIO

**ALFREDO WAGNER
ROSA ACEVEDO
ERIKI ALEIXO**

PANDEMIA E TERRITÓRIO

Rosa Elizabeth Acevedo Marin	Jordeanes do N. Araújo
Roque de Barros Laraia	Eliana Teles
Otávio Velho	Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira
João Pacheco de Oliveira	Maria Alice da Silva Paulino
Henri Acselrad	Karapãna
Ilka Boaventura leite	Jardeline dos Santos Costa, Kokama
Claudia Puerta Silva	Alicia Dorado Rosales
Jesús Alfonso Flórez López	Álvaro Ipuana Guariyü
Aurélio Vianna Jr	Ana Isabel Márquez Pérez
John Comerford	Isabela do Amaral Sales
José Sergio Leite Lopes	Rita Neves
Marcia Anita Sprandel	Silvia Zaccaria
Patrícia Maria Portela Nunes	Bruna Cigaran da Rocha
Cynthia Carvalho Martins	Selma Solange Monteiro Santos
Emmanuel de Almeida Farias Júnior	Edielso Barbosa dos Santos
Ana Pizarro	Edvando Jesus Vieira
Ana Carla dos Santos Bruno	Elaíze Farias
Altaci Corrêa Rubim	Elionice Conceição Sacramento
Maria Fernanda Salcedo Repolês	Esteban Torres Muriel
Oswaldo Martins de Oliveira	Estefanía Frías Epinayú
Ricardo Verdum	Fatima Epieyú
Vânia Fialho	Suellen Andrade Barroso
Raphaelle Servius-Harmois	Sandro José da Silva
Glademir Sales dos Santos	Esmael Siqueira Rodrigues
Raquel Mombelli	Gardenia Ayres
Jurandir Santos de Novaes	Gean de Almeida
Txai Terri Vale de Aquino	Hosana Santos
Luiz Antonio de Castro Santos	Ilana Magalhães
André Luiz Freitas Dias	Roberto Carlos Amaya Epiayú
Claudina Azevedo Maximiano	Uta Grunert
Franklin Plessmann de Carvalho	Davi Pereira Junior

Clayton de Souza Rodrigues
Ítala T. Rodrigues Nepomuceno
Vinícius Cosmos Benvegnú
Eriki Aleixo de Melo
Reginaldo Conceição da Silva
Marcos Alan Costa Farias
Murana de Oliveira Arenillas
Nicolas A. Victorino R.
Elielson Pereira da Silva
Riccardo Rella
Whodson Silva
Aline Radaelli
Danilo da Conceição Serejo Lopes
Gilberta Acselrad
Felipe Pereira Jucá
Ernandes Herculano Saraiva
Guilherme José Sette Junior
Angelisson Tenharin
José Roberto Jesus da Silva Cravo
Poliana Nascimento
Ariene dos Santos Lima
Geoclebson Pereira
Jeane Sacramento
José Luís Souza de Souza
José Omir Siqueira
Juliane Gomes de Souza
Luan Arruda
Bruno Lopes do Nascimento
Cândido Firmiano
Lucas Antônio Macedo
Luiza dos Santos Reis
Marcelo Horta Messias Franco

Maria Delma Portilho Brito
Maria Jaidene Pires
Max José Costa e Costa
Ana Moura
Maxwell Marques Mesquita
Anthony Lisboa
Miguel Ramírez Boscán
Sandro Henrique Lôbo
Nelson Ramos Bastos
Maria da Penha Silva
Quênia Barreto da Silva
Jakeline Romero Epiayú Manuel Moura
Rafael Matos
Francisca Gárdina dos Santos Lima
Roberto Mendonça
Rosamaria Santana Paes Loures
Rosângela Brito
Flávia Vieira
Glebson Vieira
Taisa Lewitzki
Thiago Alan Guedes Sabino
Tiane Souza
Uine Lopes de Andrade
Peppe Assurini
Vânia Conceição Sacramento
Walter Calado
Alfredo Wagner Berno de Almeida

ALFREDO WAGNER BERNO DE ALMEIDA
ROSA ELIZABETH ACEVEDO MARIN
ERIKI ALEIXO DE MELO

PANDEMIA E TERRITÓRIO

2020

CONSELHO EDITORIAL

Otávio Velho – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Dina Picotti – Universidade Nacional de General Sarmiento, Argentina

Henri Acserald – IPPUR –UFRJ, Brasil

Charles Hale – University of Texas at Austin, Estados Unidos

João Pacheco de Oliveira – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil

Rosa Elizabeth Acevedo Marin – NAEA/UFPA, Brasil

José Sérgio Leite Lopes – PPGA-MNU/UFRJ, Brasil

Aurélio Vianna – Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Brasil

Sérgio Costa – LAI FU, Berlim, Alemanha

Alfredo Wagner Berno de Almeida – UEMA/UEA, Brasil

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Pizarro – Professora do Doutorado em Estudos Americanos Instituto de
Estudios Avanzados – Universidad de Santiago de Chile

Claudia Patricia Puerta Silva – Professora Associada – Departamento de
Antropologia – Facultad de Ciências Sociales y Humanas – Universidad de
Antioquia

Zulay Poggi – Professora do Centro de Estudios de Desarrollo – CENDES–
Universidad Central de Venezuela

Maria Backhouse – Professora de Sociologia – Institut für Soziologie –
FriedrichSchiller-Universitätjena

Jesús Alfonso Flórez López – Universidad Autónoma de Occidente de Cali -
Colombia

Roberto Malighetti – Professor de Antropologia Cultural – Departamento
de Ciências Humanas e Educação “R. Massa” – Università degli Studi de
Milano-
Bicocca

Copyright© Autores

Equipe de organização e edição:

Alfredo Wagner Berno de Almeida

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Eriki Aleixo de Melo

Capa: Phillippe Teixeira

Diagramação: Phillippe Teixeira

ISBN Impresso: 978-65-00-05792-8

ISBN E-book: 978-65-00-05793-5

Ficha catalográfica:

P189 Pandemia e Território / Organizado por Alfredo Wagner Berno de Almeida. Rosa Elizabeth Acevedo Marin. Eriki Aleixo de Melo. – São Luís: UEMA Edições/ PNCSA, 2020.
1226 p.:il.

ISBN Impresso: 978-65-00-05792-8

ISBN E-book: 978-65-00-05793-5

1. Pandemia. 2. Território. 3. Povos e comunidades tradicionais. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Marin, Rosa Elizabeth Acevedo. III. Melo, Eriki Aleixo de. IV. Título.

CDU 316 + 614.4

Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia –
Universidade Estadual do Maranhão (PPGCSPA/UEMA)

Cidade Universitária Paulo VI – Caixa Postal 09 – São Luís/MA. Fone (98)
3245-5461 Fax (98) 3245-5882

COLONIALISMO E CINEMA: O COVID-19 E O PASSAMENTO DE UMA CINEASTA GENIAL

Rosa Elizabeth Acevedo Marin



Sarah Maldoror: griotte, revolucionaria, feminista, cineasta

A Sarah Maldoror

Que,
Câmara no punho
Combate a opressão,
A alienação
E desafia
A Estupidez humana

Aimé Césaire

Apresentadas somos e nesses parágrafos estão maravilhosos e horizontes de sentimentos cruzados com **Sarah Maldoror**. A “griotte” Sarah em 1956 inseriu-se no grupo de atores negros de Paris, que formaram a Companhia de Arte Dramática Les Griots. Toto Bissainthe, atriz e cantora nascida em Cap Haitien (1934), Haiti, estreou nessa seleta companhia, que foi vanguarda do movimento da negritude. A Companhia era integrada unicamente por atores negros ou afrocaribenhos. Compartilhavam com Sarah Maldoror e Toto Bissainthe o senegalês Samba Ababakar, Timité Bassori, (ivoriano), Robert Liensol (Guadaloupe) e o diretor francês Roger Blin. Eles fizeram da Casa dos Estudantes Africanos, um espaço cultural de ensaios das obras de Jean Genet, especialmente, *Les Nègres*, que foi apresentada pela primeira vez pela Companhia Les Griots. De autoria de Jean Paul Sartre ensaiaram a peça teatral *Huis Clos* (Entre 4 Paredes). De autoria de Aimé Césaire fizeram a estréia de “*Et les chiens se taisaient*”, obra de teatro publicada em *Présence Africaine*. O ativismo intelectual e anticolonialista girava também em torno desta revista *Présence Africaine*. Para ela a denúncia da opressão colonial esteve alavancada na relação direta com os povos de Argélia, Angola, Guiné-Bissau e Congo. Sarah conheceu por observação direta e trabalho e apreendeu muitos poemas e poetas militantes – Mario Pinto de Andrade (Angola), Aimé Césaire (Martinica) e Léon Gontran Damas (Guiana). Anos depois, Sarah Maldoror dedicou-se a fazer documentários, gênero cinematográfico que explorou para narrar histórias de vida e memórias coletivas. Essas figuras uniram arte e política. Toto Bissainthe ficou exilada na França, proibida de entrar no Haiti pelo regime do ditador Papa Doc, J. C. Duvalier. Em 1984, Sarah Maldoror fez o “portrait” dessa artista “Toto Bissainthe, chanteuse”. “*Aimé Césaire, le masque des mots*” (1986) é o título do documentário feito sobre esse poema de autoria do poeta amigo. Dez anos antes havia filmado “*Martinica. Aimé Césaire, um homem, uma terra*”, com roteiro escrito por Michel Leiris. Em 1995 filma o documentário sobre o poeta, intelectual e político León-Gontran Damas. Igualmente, o poeta haitiano René Depestre teve fragmentos de sua vida, pensamentos e poemas em um documentário da cineasta.

Brevemente apresentamos Sarah Maldoror aqui. Para tanto reunimos trechos de entrevistas que compõem uma espécie de autorretrato, de leitura direta de suas ideias, encontradas em fontes diversas.

Iniciamos pela identidade de Sarah, cujos pais eram de Guadalupe; ela nasceu em França, em 1939:

Sinto-me em casa em toda parte. Sou de toda parte e de lugar algum. Meus ancestrais eram escravos. No meu caso, isso torna as coisas mais difíceis. Os antilhenses me acusam de não viver nas Antilhas, os africanos dizem que não nasci no continente africano e os franceses me criticam por não ser como eles⁶⁰³.

Se eu não me interessar pela minha própria história, quem vai se interessar?”

Quanto às classificações que lhe foram atribuídas e utilizo-as ou não, ela comentou em entrevista, em 1997:

O contexto histórico de meus inícios exigia um cinema militante que hoje permanece preso à minha pele: eu, como todo mundo, tenho muita dificuldade em trabalhar. Revolucionária e feminista: uma imagem negativa hoje que às vezes tenho que apagar para fazer filmes. O fato de ter feito *Sambizanga* (1972) e de estar no maquis ainda hoje faz acreditar que tenho três bombas nos bolsos...

Atualmente, estou trabalhando em um assunto para a RFO sobre os Irmãos Lumière. Foi-me dito: ‘Não venha nos dizer que eles colaboraram durante a guerra etc’. Respondi que o que mais me interessava era que eles inventaram o cinema porque haviam participado de uma cerimônia de vodú! Foi assim que funcionou: é um aceno para os irmãos Lumière, algo engraçado.

603. A frase da cineasta é citada na publicação *Black Art*. V. 5. Nº 2. 1982. P. 31 de acordo com ANDRADE, Annouchka de. “Um olhar sobre o mundo”, in Lúcia Ramos Monteiro (org.). *África(s): cinema e revolução*. São Paulo, Buena Onda Produções Artísticas e Culturais, 2016. (p. 84). Annouchka de Andrade é filha de Sarah Maldoror e Mário Pinto de Andrade.

A cineasta Sarah Maldoror expõe os modos de fazer cinema descolonizado, no mundo e sob o olhar do Outro, os colonizadores.

Claro que gosto de filmes realistas, mas o cinema não é a vida cotidiana. Só pode ser cotidiano se houver poesia, algo que você não percebe.

Filmar na África requer adaptação ao sol, sombra, vegetação, poeira e ritmo das pessoas. Sou muito sensível ao barulho africano que não encontramos em nenhum outro lugar: respeite o som africano, bem como o espaço do continente que o caracteriza tão fortemente. Um baobá nunca será uma cerejeira. Não podemos ter uma visão europeia de tempo, luz e som na África. Todos os assuntos tradicionais são possíveis, mas é assim que surge, ir contra as imagens limitadas que o povo da África tem. Minhas filmagens são bastante rápidas, mas eu as preparo bastante. Fiquei imaginando, por exemplo, como levar o escultor de La Pirogue éclaté de volta à casa dos escravos. Eu faço a pergunta enviando o script para ele e ele responde: “Eu entro como todo mundo pela porta!”.

Aproveite o tempo para ouvir! Eu me apaixonei à primeira vista por ele, mas eu deveria ter escrito o roteiro e retornado para vê-lo para discutir o assunto. Sempre queremos ir rápido demais. Terei que deixá-lo falar para expressar essa simplicidade que esconde grande sabedoria. Somente assim é possível demonstrar que existe outra cultura, outra sabedoria.

Temos que mostrar a África como ela é. Em seus belos cenários e em sua miséria, mesmo que a desilusão seja grande ao ver que lutamos muito para chegar lá. A África é celestial, mas eles também são terríveis. Não posso mais suportar que me digam que isso só vem da colonização. O que fazer hoje? A ausência de projetos é óbvia. Depois de fazer um filme sobre Guadalupe, eu gostaria de fazer um sobre essas crianças que participaram da guerra, que eu filmei e que agora são homens quebrados do passado e que foram confrontados com tantas mentiras.

Ao filmar, tento deixar a vida cotidiana e apresentar o sonho. Começo com a luz de uma pintura, de Rembrandt, por exemplo,

porque se temos medo, não podemos ter uma luz brilhante. Quero que exista verdade, mas com um pouco de esperança. A realidade é muito triste...

Quando eu apresentei Sambizanga na Suécia, Ingrid Bergman me disse: “Por que essa beleza? Eu respondi que ela não precisava ser feia. Por que um camponês não deveria ter essa dignidade? A África deve ser pobre e suja e, quando um africano toca uma peça de madeira ou hoje uma peça de barbante, deve ser uma obra de arte! Fui criticada por fazer um filme muito pessoal em um contexto ativista, e ainda assim é esse filme que permanece! Vamos sair do “cinema de cabaça”: estamos perto do ano 2000! Vamos mergulhar no futuro, em vez de sempre nos perguntarmos o porquê de não haver água etc. Isso não significa não refletir sobre seu passado! Você precisa conhecer o seu passado para entender o futuro. Mas vamos ter outra visão.

Também vou filmar no Senegal um escultor que me fascina e porque gosto de pessoas que criam do zero. E eu tenho um projeto de longa metragem sobre um herói de Guadalupe que se rebelou contra a colonização. No entanto, na França, você pode falar sobre o futuro ou hoje, mas, acima de tudo, não fala sobre colonização, é sagrado!

Na França, ainda estamos condenados a uma certa marginalidade. Nem os franceses, nem os diretores, nem a televisão estão prontos para se abrir para o Outro quando é a única coisa que importa hoje, porque não faremos o contrário. Quanto ao financiamento de filmes africanos, eventualmente torna possível fazer filmes, mas não vê-los!

Às vezes funciona: propus uma história curta de Victor Serge, um autor que eu realmente gosto, e o Canal II aceitou. Eu gravei nos Invalides. Retratos gigantes de Lenin e Stalin foram desenhados no grande pátio. Quando o comandante chegou, ele queria parar tudo! Quando ele queria ver o diretor, ele não acreditava que fosse eu. Eu disse a ele que a cor não funciona ... Ele ficou furioso. Eu agüentei, já que tínhamos autorização dada na apresentação do roteiro. Às vezes rimos.⁶⁰⁴

604. Entrevista a Sarah Maldoror realizada por Olivier Barlet. Paris, 1997. Publicada em 1/9/2002. <http://africultures.com/entretien-dolivier-barlet-avec-sarah-maldoror-guadeloupe-2493/> Acesso em 13/04/2020.

Lembro-me de que durante uma filmagem na Guiné-Bissau, conheci mulheres que trouxeram óleo para trocá-las por tecidos. Eles cheiraram o tecido e o devolveram, dizendo: “Isto é da Rússia, não é bom. Estamos à procura de tecidos suecos”. Fiquei surpresa porque eles já sabiam: eu entendi o que Amílcar Cabral queria dizer quando a independência era apenas uma questão de dias e ele exclamou que era agora que as dificuldades iriam começar! Isto é o que eu gostaria de mostrar ao filmar a África de hoje em suas esperanças e miséria. O cinema é essencial: faltam livros, escassez generalizada na educação. Escola e cultura são fundamentais. Além de respeitar a cultura do outro para evitar a barbárie!

Insurgência, guerras de libertação: mulheres⁶⁰⁵, política e cinema

Falava-se mais da guerra do Vietnam, naquela época. As guerras de libertação na África estavam esquecidas. Aquela não era uma guerra francesa. Era mais fácil conseguir ajuda para ir filmar as guerras dos outros.

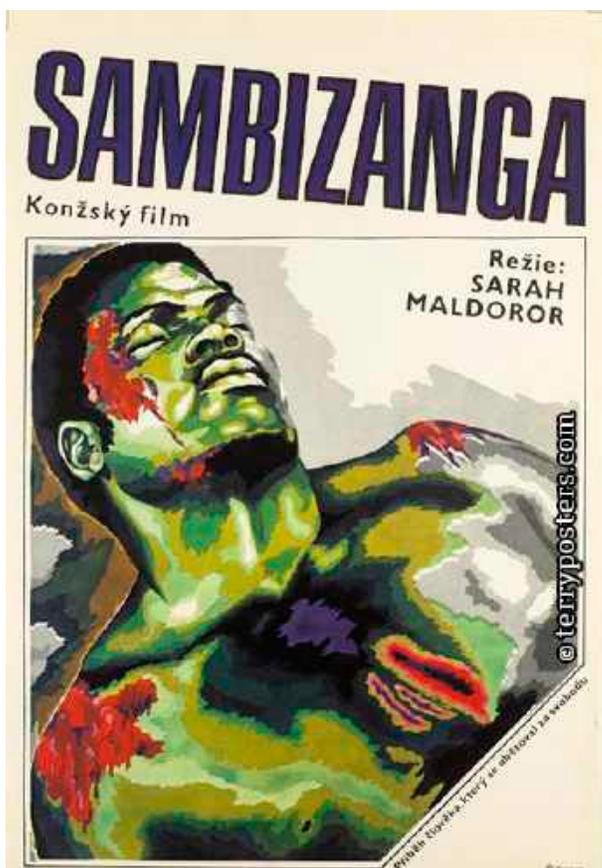
Sarah Maldoror está envolvida na luta dos movimentos de libertação na África. Ela divide sua vida com o líder fundador do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), o escritor angolano Mario de Andrade, com quem tem duas filhas. Entre seus companheiros de luta: Agostinho Neto, que se tornara presidente da República Popular de Angola; e Amílcar Cabral, fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde. Seu noivado foi tão poderoso que ela se viu no mato na Guiné-Bissau.

Sarah Maldoror não pôde se limitar a um espaço geográfico, daí seu envolvimento na luta dos militantes americanos negros. Ela estava assim envolvida na luta dos famosos Panteras Negras e também ao lado de outros grupos que combatiam a segregação racial nos Estados Unidos⁶⁰⁶.

605. A propósito desse foco ver: Berthet, Marina, Oriach, Stephan. Nouvelles représentations du corps et déconstruction de l'imaginaire colonial européen à travers trois films de Sarah Maldoror. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF v. 12 n. 2 jul. a dez. 2017 ISSN 2318-101x (on-line) ISSN 1809-5968 (print). <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12374> Acesso em 13 de abril de 2020

606. Sarah Maldoror, la maquisarde cinématographique. Redaction Digitale de « Reporters » (RDR). 14 DE abril 2020. <https://www.reporters.dz/sarah-maldoror-la-maquisarde-cinematographique/>. Acesso em 14/04/2020.

Apresentamos o filme Sambizanga (1972). A imagem Xavier regressa do trabalho. As pedras e o trator ficam para atrás. Chega no bairro, coloca o filho no colo, talvez menor de dois anos de vida, e atravessa a rua onde crianças brincam futebol. Ele entra no jogo rapidamente e ensaia ensinar o filho. Ele afasta-se e segue para casa, ao lado da esposa Maria. O diálogo do casal: Maria pergunta que tem demorado. Imagens das torturas a que foram submetidos os combatentes da guerra de independência de Angola, a força dos que resistiram a colonização portuguesa.



Sambizanga